

Utopia e intervenção na ordem política

ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE*

“A sociedade que não é capaz de produzir uma *utopia* para o mundo, e de sacrificar-se por ela, está ameaçada de esclerose e de ruína. A sabedoria para a qual não existem quaisquer fascinações aconselha-nos uma felicidade *dada, acabada*; o homem rejeita esta felicidade, e é justamente esta rejeição que faz dele uma criatura histórica, ou seja, um partidário da felicidade *imaginada*.”
(CIORAN, E.M., *História e Utopia*)

“*Não ter nem Céu nem Inferno é ficar intoleravelmente carente e solitário em um mundo que se tornou plano. Dos dois, o Inferno demonstrou ser o mais fácil de recriar... Ao pormos o Inferno acima da superfície, saímos da ordem principal e das simetrias da civilização ocidental.*”
(STEINER, George, *No Castelo do Barba Azul*)

Resumo

O ensaio analisa o conceito de utopia, desde a invenção de Thomas More, no âmbito do humanismo renascentista do Norte, contraposto à possibilidade de retomada do espírito utópico, a um tempo em que as conjunções político-sociais parecem apontar para tal necessidade. Para tanto, contextualiza-se os entornos da irrupção da utopia renascentista e de utopias negativas, invenção do século passado, em geral de caráter conservador. O ensaio move-se inspirado pelo pensamento de Ernst Bloch.

Palavras-chave: Utopia; More; Bloch; utopias negativas; esperança.



* ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE é Professor Titular do Departamento de Filosofia da PUC-SP. E-mail: valverde@pucsp.br.

Se desconsiderada *A República*, de Platão, como primeiro texto de caráter utópico *avant la lettre* e nem mesmo considerar as ilhas paradisíacas dos estoicos, tomadas como modelo de não-lugar, – e no entanto, sem prescindir do imaginário em torno do país imaginário *Cocanha*,¹ terra da abundância, da ociosidade, da juventude, da liberdade –, o movimento mais próximo, historicamente, da rampa de lançamento da venturosa concepção moreana de utopia parecer ter sido o movimento milenarista, constituído na vaga do pensamento político de Gioacchino di Fiori,² – monge calabrês, admirado por

Hegel –, com as concepções das três idades do mundo, a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo. A primeira, a da dureza da implantação da lei divina, a segunda, a da consolidação do amor, e, a terceira, a da expansão da compreensão da vida e do mundo pelo Espírito, em vista da centralidade do homem no mundo. Centralidade calcada pelas afirmações das idades anteriores. Se o milenarismo projetara sociedades melhores e superiores para o futuro, o quiliasmo fecundou o nascedouro da utopia concreta, pois os camponeses ao final da Idade Média e começo da Moderna projetaram a realização de uma

¹ “Cocanha: em 1142, esse nome surge na documentação pela primeira vez. Na literatura, a palavra aparece em um poema goliárdico de 1164, que o chama o líder de um grupo de beberrões de *abbas Cucaniensis*, ‘abade da Cocanha’ (*CB 222*, v. 1). Mas, a primeira utilização que conhecemos daquele nome na descrição de um país imaginário é de meados do século XIII, em um texto proveniente do Norte francês, provavelmente da Picardia, o *fabliau de Cocaingne*. A própria palavra *fabliau*, de fins do século XII, é de origem picarda, equivalendo ao francês (dialeto da Île-de-France) *fable*, ‘fábula’... O texto em questão é um curto poema de 188 versos... (FRANCO Jr, 1998, p. 25)”. Na tradução da versão inglesa do poema lê-se que na Cocanha: “É sempre dia, jamais noite. / Ali não há conflitos, discussões, / Ou morte, só vida eterna; / Não faltam comida ou roupa, / Nem homem nem mulher sentem raiva (FRANCO JR., 1998, p. 167).

² Se as cruzadas e o messianismo andaram emparelhados no século XII, “Ainda no decurso do século XIII, haveria de surgir outra espécie de escatologia a par das escatologias derivadas do Apocalipse e dos Oráculos Sibilinos... O invento do novo sistema profético, que haveria de ser o mais influente de todos os conhecidos na Europa... foi Joaquim de Fiore (1145-1202). Depois de vários anos passados na meditação das Escrituras, este abade e eremita da Calábria, recebeu, entre 1190 e 1195, uma inspiração que lhe revelava um sentido nelas contido de imenso valor profético.

A ideia de que as Escrituras continham um significado oculto estava longe de ser nova; os métodos tradicionais de exegese sempre

concederam grande papel às interpretações alegóricas. A nova ideia era que tais métodos se poderiam aplicar, não apenas para fins morais e dogmáticos, mas também como meio de compreender e de prever o desenvolvimento da história. Joaquim estava convencido de ter encontrado uma chave que, aplicada aos acontecimentos e personagens do Antigo e do Novo Testamentos e sobretudo ao Apocalipse, tornava-o capaz de intuir na história uma modelo e um significado e de profetizar os seus desenvolvimentos futuros. É que nas suas exegeses das Escrituras, Joaquim elaborou uma interpretação da história como uma sucessão através de três idades, cada uma das quais presidida por uma das Pessoas as Santíssima Trindade. A primeira idade era a Idade do Pai ou da Lei; a segunda idade era a Idade do Filho ou do Evangelho; a terceira idade, a Idade do Espírito, seria, relativamente às suas predecessoras, como o esplendor do dia comparado à luz das estrelas e à aurora, ou como o pino do Verão comparado ao Inverno e à Primavera. Se a primeira fora uma idade de terror e servidão e a segunda uma idade da fé e de submissão filial, a terceira seria a idade de amor, de alegria e de liberdade, em que o conhecimento de Deus seria revelado diretamente nos corações de todos os homens. A Idade do Espírito haveria de ser o Sabbath ou o tempo de descanso da humanidade. O mundo seria então um único enorme mosteiro, em que todos os homens seriam monges contemplativos absortos em êxtase místico e unidos em cânticos a Deus. E esta nova versão do Reino dos Santos haveria de durar até o Juízo Final (COHN, 1981, pp. 89-90).

vida melhor, de imediato, a dispensar o horizonte futuro e improvável. Assim, o teólogo revolucionário Thomaz Müntzer³ (1490-1525) encarnara tal perspectiva. Em verdade, a ideia política de uma vida melhor e justa nutriu o imaginário dos pobres e dos trabalhadores desde seu lançamento, para além do horizonte da Cidade de Deus, firmado por Agostinho de Hipona, no século V d.C., ao tempo em que os bárbaros invadiam Roma. A ideia de utopia esteve adiante das propostas políticas desde o século XVI. Tempos depois, a burguesia, após cumprir seu papel histórico e realizar a sua revolução, principiou por nomear os utopistas de sonhadores, desligados das barras do mundo dito real e interesse econômico, meramente econômico dos negócios e da política.

Se política e utopia têm andado juntas desde o Renascimento, por vezes, entrelaçam-se, em outras, se distanciam. Há quem afirme que a invenção da utopia correspondeu à substituição da Cidade de Deus agostiniana no imaginário social moderno, em curso desde o processo de secularização iniciado no século XII, o primeiro antepassado da Modernidade, sob o arco de ondas sucessivas de composição do projeto burguês, melhor formatado pelo hiato do mercantilismo, aditado da descoberta do Novo Mundo e do excessivo interesse pela *vita activa*, votada aos negócios, à política e à “acumulação primitiva de capital”. Assim, a utopia renascentista seria a secularização do céu medieval (TRAGTENBERG, 1973, p. 15). Demarcado pelo ano de 1516, ano da publicação em Louvain do texto latino da

Utopia, o novo gênero literário filosófico-político multiplicou-se por centenas de outros escritos sob o mesmo gênero de par com maré alta da necessidade de mudança da ordem político-social, mormente no século XIX e início do XX. Tempos de expectativa, que foram vencidos pela aparente acomodação social devida em parte ao excessivo sucesso da ciência e da técnica, na atualidade da tecnologia, sob o pano de fundo do estado do bem-estar social, aspirado por Adam Smith, adiantado por Vilfredo Pareto, realizado no Pós-Guerra, nos EUA e na Europa. – Assim, teria o céu descido à Terra? Ou o Inferno aflorado... nas formas da vida contemporânea? Estado neoliberal, desemprego estrutural, violência estatal, agressividade, comida intoxicável, poluição, destruição da natureza, genocídios, massacres de civis, refugiados, exilados...

Ocorre que ao tempo da escrita de *A Utopia*, de Thomas More, a sociedade anteriormente organizada pela Igreja passava por ser organizada pelo nascente Estado moderno, centralizado, como Maquiavel (MAQUIAVEL, 1979, pp. 175-190) relatara acerca do Estado de França (MORE, 1979, pp. 191-195). Se naquele momento histórico o mais relevante do ponto de vista da política – além e aquém voracidade da ação política ao lado da cobiça dos colonizadores - fora a invenção da utopia, como ideia-força da Modernidade,⁴ *locus* de contraposição às novidades do movimento de acumulação primitiva de riquezas. Ao tempo presente, em que o Estado transformouse, aceleradamente, em *estado-empresa*, encarnando os limites do neoliberalismo

³ A propósito da ação político-religiosa de Thomas Müntzer, conferir COHN, 1981, pp. 194-206.

⁴ A propósito das ideias força do Renascimento, inclusive a da utopia, conferir VALVERDE, A.

J. R., “Humanismo, ciência, cotidiano sob o Renascimento”, In *MargeM*, n. 17, São Paulo, Educ, jun. 2003, p. 68. (Dossiê: Humanismo e Barbárie).

a promover a desindustrialização, simetricamente proporcional a criação de prisões, pois se o desemprego tornou-se estrutural, o controle social via consumo mostrou seu alcance formal, torna-se necessário o relançar do espírito da utopia, que movera o mundo moderno para a confrontação com a ordem estabelecida, desde Morus e os socialismos ditos utópicos e o socialismo científico, pensado por Engels Marx. Pois, tais características apontam para a similitude política com situação atual, assim como fora necessário contestar a ordem política, tal se necessidade se reapresenta, se mais não fora pelo desrespeito aos direitos fundamentais, aos direitos humanos, cumpridos, se cumpridos, apenas por seu caráter formal. Ora, o horizonte de negação da ordem aponta em primeiro lugar para o cumprimento da justiça e dos direitos humanos. O ideário de tais motivações políticas, sem politicagem nem fisiologismos de nenhuma natureza, deve ser tarefa dos trabalhadores, em vista daquilo que sobrou de emprego formal e outras formas de trabalho e para além deles. De preferência desde uma perspectiva autogestionária em todos os níveis de organização social.

Das utopias revolucionárias às conservadoras e o renascer da esperança

Para Tragtenberg, as “utopias revolucionárias são contestações de uma determinada situação histórico-social, no plano do imaginário”. Contudo, de outro lado, “podem situar-se também como utopias conservadoras, isso é, contestações do *real* tendo em vista uma idealização do futuro que nega o presente enquanto transitoriedade, à procura de uma estrutura social perene sem mudança, em outros termos, *sem história*” (TRAGTENBERG, 1973, p. 13), como as projetadas durante o início

da segunda quadra do Século XX, utopias negativas com projeções de sociedades futuras, em piores condições sociais e políticas que as atuais, sem desenlace histórico, pareceram tomar de assalto a cena e a hegemonia das utopias consideradas positivas. De par com o andamento de aparentes descidas do céu à terra. Ou em cenários infernais, como no filme *Blade Runner*, em que replicantes humanos voltam de uma colônia fora da Terra, – para onde os endinheirados se mudaram –, para saber qual o seu “prazo de validade”, vez que foram “criados” em laboratórios por um engenheiro genético. O ano da ação é 2020, na Costa Leste norte-americana. A elite da sociedade é a polícia, em especial os caçadores de andróides. Contudo, os replicantes amam, rezam, recitam poesia, diferentemente dos humanos que estão tristes, tensos, solitários, comendo um arremedo de comida chinesa nas ruas. Chove todo tempo na cidade, em que laboratórios fabricam todo tipo de cópia de seres naturais e, no detalhe, olho, pele.

Se a invenção contemporânea do “princípio esperança”, pensada por Bloch, retomou a perspectiva utópica sob a dimensão dialética e materialista, de talhe hegeliano-marxiana, em contraposição, as utopias negativas parecem assombrar tal horizonte. Afinal, a utopia perdeu sua força política? *O sonho acabou?* Sob a perspectiva das utopias negativas, a análise e a discussão do filme *Blade Runner*, direção de Ridley Scott, 1982, pode ser tipificado como síntese de tal padrão de utopia, gênero em cena desde os lançamentos do filme *Metrópolis*, direção de Fritz Lang, de 1927, dos romances *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, de 1932, e *Walden II: uma sociedade do futuro*, sob inspiração behaviorista, título referido a Walden ou a vida nos bosques, de Henry D. Thoreau.

As utopias inventadas ao tempo do Humanismo renascentista,⁵ por More, Rabelais, Campanella e Bacon, sob a tensão entre a recepção do estoicismo e do epicurismo antigos, do neoplatonismo e da vontade de retomada de vivência autêntica da vida em si, ao mesmo passo como forma de revanche do humano em contraposição aos ditames da ordem religiosa medieval, fora operada ao ritmo do movimento da invenção do “escolher o passado”. Pois, se os gregos não puderam escolher em vista da força do mito a subsidiar a filosofia, nem os cristãos puderam sob a força do judaísmo, os humanistas renascentistas puderam escolher do acervo histórico-filosófico do passado aquilo que a oportunidade de interesses necessitava e premia a seleção. A utopia funda-se em inventar o futuro no presente tomando em conta suas contradições, como tomada de consciência de que o mundo pode ser melhor, diferente e justo aquém da promessa da vida futura de matiz cristã. O caso da invenção inglesa da utopia é marca do avanço do interesse do viés econômico acima das pessoas, ex-servos de gleba lançados à sorte, ao tempo em que a ovelha e a lã ovina

valiam mais que o homem. Pois, o “escritor utópico, embora no plano pessoal pertença à classe dominante – Bacon, Saint Simon ou Thomas Morus -, reflete, na sua obra, não as contradições de sua classe, mas as contradições da sociedade global (TRAGTENBERG, 1973, p. 13)”.

Assim, Rabelais, médico, franciscano e beneditino, ao transbordo da revanche do humano frente aos determinismos medievais de ordem mítico-religiosa, projetou o rasgo de liberdade ética na forma da “boa vida” moral, na obra *Gargantua*, em capítulos ímpares acerca de como fora construída a abadia de Téleta e de como se regulavam os telemitas pelo máximo princípio do “faze o que quiseres”. Rabelais escreveu: “Toda a sua vida era orientada, não por leis, estatutos ou regras, mas de acordo com a própria vontade e livre-arbítrio. Levantavam-se da cama quando bem lhes parecia; bebiam, comiam, trabalhavam e dormiam quando lhes vinha o desejo. Ninguém os despertava, ninguém os forçava a comer, nem a beber, nem a fazer qualquer outra coisa. Assim o estabeleceu Gargantua. Todo o

⁵ *O conceito de utopia*. 1§ “No ano de 1516 apareceu um pequeno livro do humanista e homem de Estado inglês Thomas More que trazia o título: *Livreto deveras precioso e não menos útil do que agradável sobre o melhor dos regimes de Estado e a ilha da Utopia até hoje desconhecida*. Esta obra - que veio ser conhecida pelo nome de *Utopia* - descrevia uma ilha feliz encontrada pelo viajante português Rafael Hythlodæus em uma de suas viagens. 2§ Enquanto a Inglaterra era afligida pelas mais diversas pragas sociais, aquele canto da terra situado a largo de todas as rotas conhecidas desfrutava de uma organização social que garantia aos cidadãos a maior prosperidade. Era uma sociedade sem miséria e exploração, sem mentira e opressão, sem obscurantismo e intolerância, sem ódio e maldade, sem ócio e sem trabalho forçado. O sábio rei Utopus havia introduzido instituições generosas e em seguida isolado o país do resto do mundo para que não

fosse contaminado pelo mal que lá imperava. A boa sociedade era afinal possível. 3§ Mas a palavra *utopia* - de acordo com a sua etimologia grega - significa lugar não existente, país que não se encontra em lugar algum. More empresta à narração de Hythlodæus uma aparência de veracidade, mas ao mesmo tempo deixa perceber ao leitor que se trata de uma ficção. 4§ O que foi então a *Utopia*? Brincadeira de uma humanista erudito, com quizeram alguns? Com certeza ela foi também uma brincadeira. Antes de tudo, porém, foi uma crítica aguda da Inglaterra do tempo, aliada ao sonho de uma ordem social melhor. (...) Interessa-nos... o nascimento e o significado da palavra *utopia*, já que ela cedo deixou de ser o nome da ilha descrita por More para tornar-se o título de um gênero literário (SZARCHI, 1972, pp. 1-2).” O nome fictício Rafael Hythlodæus significa “Deus tem salvo o dispensador de absurdos”.

seu sistema se resumia nesta cláusula única: FAZE O QUE QUISERES” (RABELAIS, 1986, p. 248).⁶ É de observar que, por hipótese, a matriz gerada por Gioacchino di Fiori de mosteiros de plena realização da vida contemplativa, contraditoriamente, ao tempo em que o novo mote era a vida ativa, tenha inspirado tanto Rabelais com o mosteiro telemita, quanto Campanella com a utopia dos *solares*, também uma cidade mosteiro. Se Rabelais propôs a liberdade dos monges, Campanella, a hierarquia e a ordem, diga-se, disciplinar.

De motivações entrecruzadas, a utopia se contrapõe à (im)provável racionalização originada da Contrarreforma e a perspectiva da cidade técnico-científica. O que ganhara corpo doutrinário no espírito utópico contemporâneo,

⁶ Prossegue Rabelais: 2§ “Com efeito, quando se é livre, de boa índole, bem instruído, e quando se cultivam companhias honestas, há por natureza um instinto e estímulo que conduz à virtude e desvia do vício: é o que eles chamam de honra. Quando, porém, por vil sujeição e constrangimento, se é deprimido e aviltado, a nobre afeição que conduz naturalmente à virtude passa a ser empregada em enfraquecer e destruir o jugo de servidão, pois fazemos sempre o que é proibido e cobiçamos o que nos é negado. 3§ Com essa liberdade, emulavam-se os telemitas, louvavelmente, em fazer tudo o que a um deles pudesse agradar. Se alguém dizia: ‘Bebamos’ todos bebiam. Se dizia: ‘Joguem’ --todos jogavam. Se dizia: ‘Vamos passear no campo’ todos iam. De volta das caçadas, as mulheres montadas em belas bacaneias ou em garbosos palafréns, traziam cada qual, na mão delicadamente enluvada, um gavião, um açor, um esmerilhão. Os homens traziam outros pássaros. 4§ Eram tão nobremente instruídos que não havia aquele nem aquela que não soubesse ler, escrever, cantar, tocar instrumentos harmoniosos, falar cinco ou seis línguas ou nelas compor tanto em carne como em oração solta. 5§ Nunca se viram cavalheiros tão bravos, tão elegantes, tão destros a pé e a cavalo, nem mais vigorosos, mais ágeis e mais capazes de manejar todas as armas do que eles. Nunca se viram mulheres tão limpas, tão delicadas, de tão bom

espelhado nos intitulados “socialismos utópicos”, criados durante o século XIX e sua versão científica, como Engels imaginara.

De qualquer modo, ao intencionar a delimitação da noção de utopia,⁷ pela precisa criação da ideia de não-lugar, More inaugurou o mundo moderno, segundo Nestor Capdevila, em *Équivoques et tourments de l’utopie*. Pois, o termo utopia contém uma aura de mistério a exercer, progressivamente, magnetismo, à medida em que sugere, dentre outras possibilidades, interrogações acerca da vida presente e da vida futura. Interrogações, na linha da definição do que é ser utopista, qual será o limite de realização da utopia, o que tem sido a utopia. Cada autor utopista responderá de modo próprio. Fourier responderia, sem se equiparar a More,

humor, nem de mãos mais hábeis na agulha e em todo trabalho feminino honesto e livre do que elas. Por essa razão, quando sucedia que algum, a pedido da família ou por outro motivo, desejava sair da abadia, levava consigo a mulher que o escolhesse como devoto e ambos se casavam. Então, embora tivessem vivido em Télema com devoção e amizade, ainda mais as fortificavam depois do casamento, amando-se tanto no fim dos seus dias como no primeiro das núpcias (RABELAIS, 1986, pp. 248-249)”.

⁷ “É praticamente impossível definir mesmo por aproximação o número de obras desse gênero - não só o exemplo de Thomas More estimulou imitadores, como o rótulo de *utopia* passou a ser aplicado a escritos de autores antigos, como por exemplo à *República* de Platão. As monografias sobre o problema costumam concentrar-se em algumas dezenas de exemplos mais conhecidos: da *Cidade do Sol* de Campanella e a *Nova Atlântida* de Francis Bacon, a *Sobre a Pedra Branca* de Anatole France. (...) quando falamos do problema de utopia no pensamento social não devemos de forma alguma limitarmos-nos às imitações formais da *Utopia* clássica. Este é tema para o historiador do estilo literário. Nosso interesse é outro: a incessante viagem da humanidade em direção ao país que não existe; a busca da ilha feliz, concebida nas maneiras as mais diversas e registradas em formas literárias as mais variadas... (SZARCHI, 1972, p. 2)”.

mas a Colombo e Newton. Fourier fora também descobridor de um novo mundo, - *o novo mundo amoroso* – (FOURIER, 1972), e, no mesmo passo, fundador de uma nova ciência, a da atração passional, a traduzir a aplicação ao mundo social de princípios da física (CAPDEVILA, 2015, pp. 55-56). Assim, a utopia torna-se um conceito associado a uma pletera de interpretações e a um fato “real”: a ilha da utopia ou a utopia como o reino da felicidade a serem realizados, como um não-lugar, porque não existiria em nenhum lugar a propriedade privada, mas a propriedade comum. O que revalida a esperança e suas potencialidades em uma vida superior vindoura. Pois, o conceito de utopia tem sido plástico, ambíguo. Bloch percebeu tal dinamismo do conceito e da expectativa fecundada pela utopia, com acuidade, e findou por reinventá-la na forma “utopia concreta” e pelo “ainda-não consciente”, sob o horizonte da *docta spes*. Por ser a última palavra político-filosófica em utopia, Bloch pode/poderá pautar o salto intelectual e político para a compreensão da retomada do horizonte utópico, como possibilidade de intervenção na ordem política em chave nova. A base teórica blocheana fundada no hegelianismo-marxismo, a par de larga entrada nos *fronts* da psicanálise, da história, e de profundo entendimento de todo movimento utópico desde os antigos até os contemporâneos, além da utopia nas artes, como excelente domínio do humano.

Concluindo sem concluir. No presente, a utopia parece estar de volta, pois os tempos escuros que geraram a invenção da primeira utopia moderna, em Inglaterra, dadas as novidades do processo de acumulação primitiva de capital, emparelham-se com o horizonte sombrio da crise do modo de produção e do sistema financeiro internacional,

instaurada desde de 2008, como se a sucessão de crises do capitalismo, cada vez mais próximas, cronologicamente, uma das outras, gerassem com que um surto psicótico interminável, de desconexão total como a realidade. Grassa a irracionalidade dos fins e dos meios, contudo a imaginação parece atingir dimensões desconhecidas.

Se a comparação é forte e desagradável ao consenso de que a vida melhorou no pós-Segunda Guerra, mormente pelo advento do Estado do Bem-Estar Social nos países industriais avançados e naqueles em que houve injeção de capital para realinhar as promessas de liberdade econômica, política e de expressão, o fim das repúblicas soviéticas e falta de oposição no campo da luta política não apontou para o fim da História, como pretendeu Francis Fukuyama, mas indicou o fim daquela projeção histórica, mesmo que as formas de controle social via consumo de mercadorias na linha de necessidades superimpostas permaneça.

Assim, há um paralelismo, ressalvadas as proporções, entre o tempo em que More escreveu a *Utopia* e as exigências atuais de novos horizontes de negação da ordem na forma de projeção de sociedade mais justa. Se considerados o acúmulo de trabalho morto, de ciência e de tecnologia, aditada a necessidade de redução de tempo de trabalho para cumprimento do ócio como solvente das verdades morais, estéticas, políticas, naturalizadas e inquestionadas, o momento presente é o *kairós* para a pauta da utopia rediviva. Vez, que a imaginação tem sido uma das capacidades humanas determinantes, tal qual a fantasia, o engenho e a poesia, forma de quebra da representação da ordem em curso, circular, estupefaciente. Não será um sonho mais do que um sonho? Pois, existem sonhos e sonhos, assim como utopias e utopias.

Afinal, como registrou More: “Tenho tentado, continuou Rafael, descrever-vos a forma desta república, que julgo ser, não somente a melhor, como a única que pode se arrogar, com boa justiça, o nome de república. Porque, em qualquer outra parte, aqueles que falam do interesse geral não cuidam senão do interesse pessoal; enquanto que lá, onde não se possui nada em particular, todo mundo se ocupa seriamente da causa pública, pois o bem particular realmente se confunde com o bem geral. Na Utopia, onde tudo pertence a todos, não se vêem nem pobres nem mendigos, e ainda que ninguém tenha nada de seu, no entanto todo mundo é rico. Existe, na realidade, mais bela riqueza do que viver alegre e tranquilo, sem inquietações nem cuidados?” (MORE, 1979, p. 308). O horizonte utópico, sob variações históricas diversas, segue sendo o mesmo desde More: o de negação da ordem em curso pela perspectiva da intervenção na ordem política, aos 500 anos de possibilidade iluminadora da ação política.

Referências

- BACON, Francis. **Nova Atlântida – A Grande Instauração**. Tradução Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BACON, Francis. **Nova Atlântida** (publ. 1627). 2ª edição. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. “Os Pensadores”, **Bacon**).
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução Nélcio Schneider. 3 volumes. Rio de Janeiro: EdUERJ / Contraponto, 2005,2006.
- _____. **Thomas Münzer, teólogo de la revolución**. Traducción Jorge Deike Robles. Madrid, Ciencia Nueva, 1968.
- CAMPANELLA, Tomasso. **A Cidade do Sol** (1602). 2ª edição. Tradução Aristides Lôbo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. “Os Pensadores”, **Bruno, Galileu, Campanella**).
- CAMPANELLA, Tomasso. **La Città del Sole**. A cura di Luigi Firpo. Bari: Laterza, 1997.
- CAPDEVILA, Nestor. Nestor. **Équivoques et tourments de l’utopie: un concept en jeu**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2015.
- CIORAN, E. M. **Histoire et Utopie**. Paris: Gallimard, 1960.
- COHN, Norman. **Na Senda do Milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Tradução Fernando Neves e António Vasconcelos. Lisboa: Presença, 1981.
- DEBOUT, Simone. **L’Utopie de Charles Fourier**. Paris: Les Presses du Réel, 1998.
- DELUMEAU, Jean. **Une Histoire du Paradis: le jardin des délices**. Paris: Fayard, 1992.
- ENGELS, Friedrich. **Socialisme utopique et socialisme scientifique**. Domínio Público / Association Bibliophiles Universels (ABU). Site: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84350 (pesquisado aos 21 de setembro de 2014).
- FOURIER, Charles. **El Nuevo Mundo Amoroso**. Traducción Martí Soler y Aurelio Garzón Del Camino. México: Siglo Veintiuno, 1972.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha. A história de um país imaginário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- FURTER, Pierre. **Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GALLO, Ivone. “A Cosmogonia de Charles Fourier: a reconstrução do mundo em utopia e ficção científica.” In **Remate dos Males**. Campinas: UNICAMP, Jul/Dez 2012, pp. 263-278.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- HELLER, Agnes. **O Homem do Renascimento**. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1982.
- HOLANDA, Sergio Buarque. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HORKHEIMER, Max. **Origens da Filosofia Burguesa da História**. Tradução Maria Margarida Morgado. Lisboa: Presença, s.d.
- JAMESON, Fredric. “A Política da Utopia”. In SADER, Emir (Org.). **Contragolpes: seleção de**

artigos da New Left Review. Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 3ª edição. Tradução Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**; Escritos Políticos. Tradução de Lívio Xavier. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção “Os Pensadores”).

MARCUSE, Herbert. **O Fim da Utopia**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MARX, Karl. “A chamada Acumulação Primitiva”. In MARX, K. **O Capital (Crítica da economia política). Livro I: o processo de produção de capital**. Tradução Reginaldo Sant’Anna. 3ª edição. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, pp. 828-882.

MORE, Thomas. **A Utopia (1516)**. Tradução Luís de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col. “Os Pensadores”, **Erasmus de Rotterdam, Thomas More**.

_____. **Utopia (1516)**. 3ª edizione. A cura de Luigi Firpo. Napoli: Guida, 1990. (“Lettere”).

_____. **Utopia**. 2ª edição. Tradução Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÜNSTER, Arno. **Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta**. São Paulo: Unesp, 1993.

MÜNSTER, Arno. **Utopia, Messianismo e Apocalipse nas Primeiras Obras de Ernst Bloch**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Unesp, 1997.

NEUSÜSS, Arnhelm. **Utopía**. Traducción Maria Nola. Barcelona: Barral, 1971.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. “A Ciência nas Utopias de Campanella, Bacon, Comenius e Glanvill”. **Kriterion**. Vol. 43. N. 106. Belo Horizonte: UFMG, dez. 2002, pp. 42-59.

RABELAIS, François. **Gargantua**. Tradução Aristides Lobo. São Paulo: Hucitec, 1986.

SKINNER, B. F. **Walden Two: uma sociedade do futuro**. Tradução R. Moreno e N. R. Saraiva. São Paulo: Herder, 1985.

STEINER, George. **No Castelo do Barba Azul: algumas notas para a redefinição de cultura**. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SZACHI, Jerzy. **As Utopias ou A Felicidade Imaginada**. Tradução Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TRAGTENBERG, M., “As utopias a partir do Renascimento”, In **Revista de Cultura Vozes**, n. 1, ano 67, Petrópolis, Vozes, 1973, pp. 13-23.

VALVERDE, Antonio José Romera Valverde. “Humanismo, ciência, cotidiano - sob o Renascimento”. In **Margem**. N. 17. São Paulo: Educ/Fapesp, jun. 2003, pp. 63-71.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: as cartas que batizaram a América**. Tradução João Angelo Oliva et alii. São Paulo: Planeta, 2003.

Filmografia

Blade Runner, direção Ridley Scott, 1982.

Metropolis, direção Fritz Lang, 1927.